

## ARTIGO NA ÍNTEGRA

### Vazios plenos de sentido

20 de Junho de 2012

[Veja o trabalho de Luiza Baldan para a Revista Lugares aqui](#)

Muitas das fotografias de Luiza Baldan deixam de lado a presença humana. Desde o início de sua trajetória é possível detectar tal ausência. Mas não é disso que se trata agora. Ou melhor, tal ausência somente chama atenção para pronunciar a ausência de uma presença.

Anteriormente Baldan havia feito uma residência de um mês em um ecobairro chamado "Península", na Barra da Tijuca (bairro do Rio de Janeiro); se parte destas obras eram frutos de uma experiência em um local no qual as pessoas buscavam um suposto isolamento do mundo em favor de uma ilusória segurança, Luiza nos entregava o vazio e a solidão que permeiam o fundo dessa experiência sintomática da época em que vivemos em sua face crepuscular; aquela da perda dos vínculos, da capacidade de "viver junto".

A artificialidade que emanava daquelas fotos persiste nestas hoje apresentadas. Tal repetição mostra que, a despeito do lugar onde esteja, existe um universo de questões investigado pela artista, qual seja, o da solidão, o da dificuldade de criar vínculos, aquele que mostra a resistência dos lugares enquanto espaços fecundos para o encontro. Feitas em Portugal, em um lugar chamado "Península de Tróia", tal série de fotos sublinha a promessa, sempre falha, de reproduzir uma cidade ideal dentro de uma cidade. Seja na Barra da Tijuca ou num balneário desértico de uma cidade européia, a visualidade de Baldan soa a mesma; novamente nos vemos frente a uma espécie de futuro latente em busca de um presente por chegar. O nome disso pode ser urbanização, ou uma busca do lugar para o encontro, para a proximidade. Algum calor digno da expressão "viver junto".

A persistência na "questão" do vazio retorna como presença. Seu olhar sobre os intervalos de ausências soa atravessado por sentidos, polissêmico, em meio a um mundo sedento por presença e completudes. Seu píer para lugar nenhum é uma imagem paradigmática daquilo que deveria reger a relação com a vida, ou seja, a busca pela surpresa, o inesperado, e não pelo seguro e já conhecido. Um caminho que é puro devir. As luminárias inusitadas iluminam este caminho ao anoitecer, as placas, aparentemente isoladas, nos dão a direção em meio ao nada. A obra de Luiza Baldan se revela, por fim, repleta de uma poesia própria que nos instiga e faz querer caminhar adiante, mesmo que sem bússola.

Poucas companhias são mais fiéis e felizes do que esta.

*Luisa Duarte*



Série "A uma casa de distância da minha", 2012

[Twitter](#) 2

[Like](#) 0

[Share](#)



## ENTREVISTA NA ÍNTEGRA

### A história e estética do lugar

20 de Junho de 2012

Seus registros fotográficos trazem lembranças de um vestígio e encontram sua âncora num esvaziamento. É este o questionamento que permeia a produção de Luiza Baldan, artista formada pela Florida International University e mestre pela UFRJ. Na Revista Lugares, ela apresenta imagens da série "A uma casa de distância da minha", realizada durante uma viagem à costa portuguesa que carregam os elementos predominantes em sua obra, combinados em uma espécie de silêncio registrado. Na entrevista abaixo ela conta como começou seu percurso, o interesse em fotografar espaços e ambientes específicos, a passagem não representada de indivíduos e os planos para o futuro. Confira:

#### Como iniciou teu percurso artístico? Como foram tuas primeiras aproximações com o campo da arte?

A aproximação mais direta aconteceu na faculdade, em Miami, no ano 2000. Na época eu estudava Literatura e puxei eletivas de Belas Artes. No curso de fotografia ganhei um bolsa de incentivo pelo meu primeiro projeto, Becos, que realizei durante dois anos. Foi ali que decidi mudar a carreira e fazer o bacharelado em Artes Visuais, com concentração em fotografia e "time-based media" (performance e vídeo).

#### Qual é a tua inquietação em relação ao espaço, já que este se tornou um objeto de investigação da tua obra? O que instiga o teu questionamento perante o ambiente, a ponto de ele se materializar em registro artístico?

Como não uso estúdio ou ateliê, penso sempre os espaços urbanos como possíveis cenários para o trabalho. Meu interesse vai do repertório histórico ao estético dos lugares. Enquanto a história me serve de carga poética, o estético (o belo, o estranho) me ajuda a compor as imagens. Juntar esses elementos me possibilita deslocar e criar um lugar próprio, com tempo próprio, muitas vezes dissociado do verossímil, do reconhecível.

#### Algumas vezes, pessoas acompanham as imagens/fotografias dos locais, como em "Natal no minhocão", e em outras parece haver um vestígio da presença, como em Diário Urbano. Qual é a relação entre sujeito e espaço na tua obra?

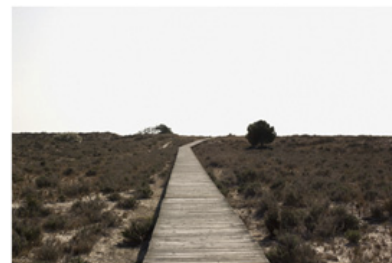
A crítica e curadora independente, Daniela Labra, fez um comentário bastante pertinente sobre a questão do sujeito no meu trabalho. Na série "Diário urbano", por exemplo, as pessoas não são sujeitos, mas são "coisas"; estão no espaço mas não representam, não são personagens. As fotos não são sobre elas, não falam delas, não são retratos, ao contrário do que acontece nas séries "Natal no Minhocão", "Entre o sono e a vigília" e "La piel". Curiosamente, só faço retratos de pessoas com as quais tenho alguma intimidade de convívio, para tentar estabelecer uma espécie de diálogo através da câmera. Existe um convite meu e uma concessão por parte de quem é fotografado. No "Diário..." as pessoas são anônimas, não sabem que estão sendo fotografadas e, na maior parte das vezes, funcionam como peças na composição da imagem, com pouca ou nenhuma relevância na cena.

#### Sobre esta questão do vestígio, podemos pensar também a partir da perspectiva do tempo, da passagem temporal que deixa a marca. Podemos dizer que o tempo também é um componente articulado em tua obra?

Comentei um pouco sobre isso quando você perguntou dos espaços. Acho que para conseguir o tal deslocamento através da imagem, é preciso "suspender" o tempo. Essa operação acontece tanto nas escolhas de enquadramento, como no tempo de exposição do filme e na maneira como a luz fica registrada. Trabalhar com longas exposições permite tanto retirar quanto incluir, por mais contraditório que pareça. Os vestígios muitas vezes vêm daí, do fugaz que não tem tempo suficiente para ser registrado no filme. Mas o que é permanente, estruturado, tende a ficar mais nítido, mais presente. E a luz, que retira e inclui tudo isso, com o tempo, forma blocos de cor na foto, constrói planos, sugere ambiências. Trabalho com a luz e o espaço tal qual eles se apresentam para mim, sem adaptações ou realces para efeitos de cena, mas procuro me distanciar bastante do que eu presenciei para sugerir uma outra leitura de lugar.

#### Na série "A uma casa de distância da minha", apresentada na Revista Lugares, as fotografias têm esse viés espacial, mas também parecem abordar a questão do vazio, talvez até do abandono. Qual foi a reflexão que esteve presente nesta série e que motivou sua realização?

Eu diria esvaziamento. As fotos que estão na revista foram feitas no final de uma viagem pelo litoral português em fevereiro de 2012. Atravessei boa parte da costa atlântica para



Série "A uma casa de distância da minha", 2012

conhecer alguns dos balneários de férias mais conhecidos do país, chegando finalmente à Península de Tróia, ao sul de Lisboa, cuja história é fantástica. Existe ali uma relação fortíssima entre o desejo e o fracasso de um lugar. Há anos, Tróia tenta ser um lugar, mas a meu ver, não consegue alcançá-lo. Fiquei bastante intrigada com o projeto urbano da cidade e o quão cru se vê tudo. Parece que a cidade nunca foi ocupada. O silêncio talvez seja mais impressionante do que as bizarrices arquitetônicas. E a sensação era exatamente a de que "alguma coisa estava fora do lugar". Talvez eu estivesse fora do lugar, como se tivesse caído naquelas terras sem aviso, depois do toque de recolher.

**No teu trabalho é possível ver desde dunas e vegetações, até avenidas e prédios de metrópoles. Tens alguma preferência pelo local onde tu fotografas? Algum lugar que te cause mais impacto, que te estimule de maneira diferente dos demais?**

Não. Como eu falei antes, existe uma combinação de fatores que tornam qualquer lugar interessante fotograficamente para mim. É bacana considerar isso quando penso num projeto de residência. A escolha geográfica pouco determina o trabalho. As imagens (incluindo os vídeos e os textos) são uma resposta à experiência de imersão em lugares desconhecidos depois que desenvolvo algum tipo de intimidade. Passo a olhá-los de forma diferente, mais crítica, mais afetiva, depende de cada caso. O interesse vem da observação diária.

**Dentre as exposições e atividades que constam em teu currículo, quais tu destacas? Que momentos foram os mais marcantes e significativos para ti?**

Sem dúvida, o trabalho mais marcante foi a residência no Minhocão, em dezembro de 2009. Foi uma das experiências mais maravilhosas que já tive, misturando todas as áreas da minha vida e indicando caminhos que vim a percorrer depois.

**Em que tu trabalhas no momento? Quais os teus projetos para o futuro?**

Estou finalizando um livro que será lançado com a exposição individual no CCD/Studio-X, no Rio de Janeiro, em outubro deste ano, e me preparando para o Chile, onde farei o meu primeiro projeto de residência fora do Rio de Janeiro. Ainda participo de algumas coletivas no segundo semestre de 2012, incluindo a itinerância do Rumos Artes Visuais (Recife e Rio), e a individual no MAM Rio no início de 2013.



PATROCÍNIOS

PATROCÍNIO PROGRAMA EDUCATIVO

AUDITORIA

REALIZAÇÃO

APOIO

[O ARTISTA](#)

[A FUNDAÇÃO](#)

[ACERVO](#)

[EXPOSIÇÕES](#)

[PROGRAMAÇÃO](#)

[PROGRAMA EDUCATIVO](#)

[PROJETOS](#)

[BLOG](#)

[REVISTA LUGARES](#)

Encontre-nos também em

Av. Padre Cacique, 2000 . CEP 90810-240 . Porto Alegre . RS . Brasil  
Fone: +55 51 32478000

Fale Conosco

[site@iberecamargo.org.br](mailto:site@iberecamargo.org.br)

AG2 Publicis Modem